

OS GÊNEROS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE COMPARATIVA DA COLEÇÃO ÁPIS NOS PNLD 2013 E 2016

Elisabeth Gonçalves de Souza¹

Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro – CEFET/RJ – Campus Petrópolis. Professora colaboradora do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – CAED/UFJF - Pesquisadora Faperj.

Resumo

A questão principal que nos levou a desenvolver a pesquisa que resultou neste texto buscou desvelar de que forma os gêneros digitais são trabalhados em Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDP) para os quarto e quintos anos do ensino fundamental. Buscávamos investigar se os LDP exploravam os gêneros digitais enquanto objetos de ensino ou como meio para o ensino de outros objetos e se a transferência do suporte virtual para o impresso não comprometia a compreensão da função sócio-comunicativa do gênero digital. O corpus do trabalho é formado por quatro exemplares da Coleção Ápis aprovados respectivamente no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2013 e 2016). De posse das exemplares realizamos uma análise comparativa das duas edições do PNLD no intuito de levantar as atividades que tratavam de gêneros digitais, analisar a proposta de trabalho e investigar se a referida coleção ampliou as propostas de trabalho sobre o referido gênero. Este texto busca propor reflexões sobre o Ensino de Língua Portuguesa, especialmente, no que diz respeito às formas de ensino da leitura e da escrita a partir dos gêneros textuais.

Gêneros digitais, Livro Didático, Língua Portuguesa.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012).

Introdução

A diversidade de gêneros textuais em livros didáticos, principalmente os destinados ao ensino de língua portuguesa, já não é uma novidade. A utilização de gêneros textuais, como um novo objeto de ensino da língua portuguesa é sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) lançados em 1998, na tentativa de tornar o estudo da linguagem mais significativo. Segundo Bakhtin (2003), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. Por essa relatividade a que se refere o autor, pode-se entender que o gênero permite certa flexibilidade quanto à sua composição e apresenta ainda uma facilidade de transmutação, ou seja, os gêneros vão se transformando à medida que a comunicação humana avança e sente a necessidade da criação de novos gêneros ou mesmo da adaptação dos gêneros já existentes. Esta relatividade e flexibilidade faz com que os gêneros sejam incalculáveis.

Em nossa vivência como docentes temos percebido que cada vez mais os alunos têm acesso às mídias digitais e estão constantemente em contato com os gêneros dessa esfera discursiva denominados de gêneros digitais. Podemos conceituar os gêneros digitais como fenômenos históricos, relativamente estáveis, atrelados às novas tecnologias da informação e da comunicação, pertencentes à esfera digital. Vale ressaltar que os gêneros da esfera digital podem sofrer alterações com maior rapidez que os gêneros de outras esferas discursivas. Assim, os gêneros digitais tornam-se mais relativos que estáveis. Um exemplo clássico dessas alterações dentro do próprio gênero é o e-mail, que inicialmente era uma nova modalidade da carta e hoje já apresenta características mais próximas a um suporte, dadas as inúmeras possibilidades de anexos que ele pode conter e da diversidade multimodal² destes anexos.

Ao constatar que nossos alunos têm imensa facilidade em lidar com as tecnologias digitais temos feito alguns questionamentos, tais como: qual a importância de se abordar em livros didáticos os gêneros do meio digital? Os livros didáticos de língua portuguesa estão realmente cumprindo o objetivo de ensinar as características próprias desses gêneros em seu canal original? Como o LD lida com a questão da transposição do suporte, do digital para o impresso? Esses e outros questionamentos deram origem ao trabalho que ora desenvolvemos.

²Multimodalidade é a combinação das linguagens oral, visual e textual (fala, gestos, textos, imagens, vídeos) dentro de um mesmo meio.

Os estudos a respeito dos gêneros digitais são ainda incipientes, principalmente no ensino-aprendizagem e na abordagem do mesmo nos livros didáticos. Assim sendo, buscamos com este texto contribuir para as discussões referentes aos gêneros textuais, em especial os gêneros digitais e sua relação com o processo de escolarização. Buscamos investigar as propostas das atividades de ensino que envolvem os gêneros digitais, de modo a contribuirmos para o debate relacionado ao ensino de língua portuguesa. Nesse artigo esboçamos os resultados de uma pesquisa onde foram analisadas quatro exemplares da Coleção Ápis³ aprovadas em duas edições do PNLD de Língua Portuguesa. Recortamos os exemplares destinados aos 3º e 5º anos do Ensino Fundamental I, tendo em vista que esta etapa do primeiro ciclo é destinada à consolidação dos processos de leitura e escrita. Para análise das atividades direcionadas aos gêneros digitais, consideramos os seguintes critérios: tratamento das peculiaridades do gênero (linguagem e forma composicional) e o incentivo para que o aluno interaja por meio do gênero trabalhado e ainda analisar se a transferência do suporte virtual para o impresso altera a função comunicativa do gênero. Analisamos ainda se o gênero digital ganhou mais espaço de uma edição para outra, tendo em vista o crescimento das práticas digitais de leitura e escrita.

Como estamos vivendo uma sociedade globalizada, a maioria das pessoas está em contato diário com o mundo digital e a *internet*. Atualmente grande parte da interação social é estabelecida via comunicação virtual. Esse “mundo” virtual ocasiona o surgimento de inúmeros gêneros discursivos. Conforme Marcuschi

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Muitos desses gêneros digitais são evoluções de outros já existentes nos suportes impressos (papel), ou em vídeos (ex: vídeos, fotografias). Porém essa tecnologia comunicativa verdadeiramente gerou novos gêneros, como por exemplo: os chats e os fóruns (MARCUSCHI, 2002, p.13).

A internet é cada vez mais presente no cotidiano, e usada pelos seres humanos, não envolve somente uma questão de escrita, mas de uma oralidade escrita, continuamente, em um universo complexo e sem sombra de dúvidas, inevitável. Com isso, o gênero digital vem nos apresentar a forma mais simples de junção da dicotomia falar e escrever, pois é através dele, que podemos unir essas duas formas de linguagem. A fala, segundo Marcuschi (1995, p. 7), é “uma forma de produção textual discursiva, sem a necessidade de uma tecnologia além

³ A escolha da Coleção Ápis se deu em função de ser esta uma das mais utilizadas pelos professores da Rede Pública Municipal de Barbacena(MG), cidade esta onde começamos nossas pesquisas em 2013. De acordo com os relatórios do processo de escolha da rede, a Coleção Apis foi escolhida por 20,11% das escolas municipais.

do aparato disponível pelo próprio ser humano”; a escrita “seria, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades”.

O sistema educacional tem demonstrado grande preocupação em fazer com que seus alunos leiam e escrevam mais e se tornem mais críticos em relação à apropriação do que foi lido/escrito. O gênero digital pode contribuir de forma significativa para que as habilidades de ler e escrever sejam desenvolvidas, pois os ambientes virtuais fazem parte do cotidiano das crianças e jovens e devem ser vistos como aliados no processo de letramento destes. A questão é: como esse mesmo sistema educativo vem utilizando os gêneros digitais para ampliar as capacidades de leitura e escrita de nossos alunos?

Acreditamos que o trabalho com os gêneros digitais pode contribuir para que nossos alunos leiam e escrevam mais, dominem as peculiaridades do gênero em questão e, por consequência, dos demais gêneros e o utilizem conforme a situação comunicativa, tornando-se assim um leitor e escritor competente. Nesse sentido Bezerra afirma:

A meu ver, impõe-se [para a escola] a necessidade de reflexão do fascínio que esses recursos comunicativos e interacionais [do Orkut] exercem sobre os jovens, uma vez que os estudantes, que de acordo com o senso comum não gostam nem tem hábito de ler e escrever, de fato escrevem e leem bastante quando se trata dos gêneros do Orkut (BEZERRA, 2009, p. 116).

A citação de Bezerra, de 2009, já apontava para o fenômeno inicial das redes sociais, atualmente ampliada, sobretudo pelo Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Youtube. O que observamos depois disso foi um amplo crescimento deste espaço comunicativo, onde circula uma linguagem específica, multimodal, que ainda é pouco aproveitada pela escola.

Precisamos, enquanto professores, educar nosso olhar para essa era globalizada e de novas tecnologias. A tarefa de educar ainda é um compromisso da escola e não perdeu seu sentido neste mundo plástico e múltiplo de saberes. Porém, é no movimento desse mundo digital, que podemos encontrar o caminho mediador para a relação educativa na escola, podendo ter ensino aprendizagem, com alunos imersos nas redes, em ambientes multimodais que exploram todos os seus sentidos. A escola precisa começar a trilhar este caminho multissemiótico para contribuir para a aprendizagem do aluno.

De acordo com Paiva e Dionísio,

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas

diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico. Nossos pensamentos e nossas interações se moldam em gêneros textuais e nossa história de indivíduos letrados começa com nossa imersão no universo em que o sistema lingüístico é apenas um dos modos de constituição dos textos que materializam nossas ações sociais (PAIVA E DIONÍSIO, p.19, 2013)

As pessoas têm aprendido a produzir e-mails e blogs, e têm aprendido a interagir através desses e de outros gêneros, como os chats, independentemente de ensino formal. Nestes gêneros, imagens, sons, cores, movimentos se misturam e se complementam. E a escola pode aproveitar-se dessa multimodalidade e explorar o conhecimento dos alunos a partir dela. Assim, a escola e o livro didático, elemento importante no processo de ensino-aprendizagem, não podem ignorar gêneros e práticas comunicativas tão centrais na vida social e, particularmente, no cotidiano dos estudantes. Mas como explorar esses aspectos a partir de um elemento aparentemente inerte, pouco colorido e desprovido de sons, como o LD?

Hoje não se admite que o ensino de português não seja baseado numa diversidade de gêneros advindos tanto da oralidade como da escrita. Por esse motivo os gêneros digitais demandam também dos autores de livros didáticos um olhar atento, no sentido para o qual já alertava Marcuschi:

Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação (MARCUSCHI, 2004, p. 17).

A transposição dos gêneros da Internet para o livro didático pode ser vista, conseqüentemente, como a passagem de gêneros de um suporte (virtual) para outro suporte (impresso). Uma questão decorrente dessa transposição é se “os gêneros de texto que aparecem nos livros didáticos de Português, mantêm ou não a mesma função original” (MARCUSCHI, 2003, p. 35). Para o autor, “o livro didático é um suporte e os gêneros que ali figuram mantêm suas funções básicas e originais”, embora no contexto do LD operem como exemplos ou objetos de ensino.

Embora não haja dúvida de que os gêneros digitais já fazem parte da vida de uma diversidade de pessoas, a incorporação destes no livro didático, acompanhada de um tratamento pedagógico adequado, ainda representa um desafio. Aspectos como as peculiaridades (orto)gráficas de alguns gêneros

digitais também podem ser responsáveis por sua rejeição ou pela relutância em aceitá-los no domínio pedagógico e, conseqüentemente, por seu uso infrequente nos livros didáticos. Para que o professor possa exercer seu papel de explorar as possibilidades pedagógicas dos gêneros digitais e não simplesmente rejeitá-los irrefletidamente, é necessário que os manuais de ensino os incorporem consistentemente em suas páginas e deem suporte aos docentes atuantes, pois estes precisam dominar o assunto para poder ao menos discuti-lo, considerando a centralidade do livro didático como recurso de apoio ao ensino-aprendizagem nas mãos de professores e alunos.

Metodologia, Resultados e discussões: Recorte e Análise das coleções

A respeito da organização geral das coleções buscamos no Guia do Livro Didático de 2013 e 2016 algumas informações acerca da estruturação das mesmas. A coleção Ápis, de acordo com os guias de 2013 e 2016, se organiza em unidades didáticas, cujo princípio é o gênero. Nesta perspectiva, a coleção consegue realizar um trabalho articulado com as atividades de leitura, produção textual e análise linguística. A coleção também prioriza o trabalho a partir dos gêneros textuais, enfatiza as diferentes estratégias cognitivas para a leitura e focaliza, embora parcialmente, as propriedades textuais e discursivas. O destaque da coleção refere-se ao trabalho articulado aos eixos de leitura e produção textual, e o ponto fraco diz respeito ao quarto eixo, o da oralidade.

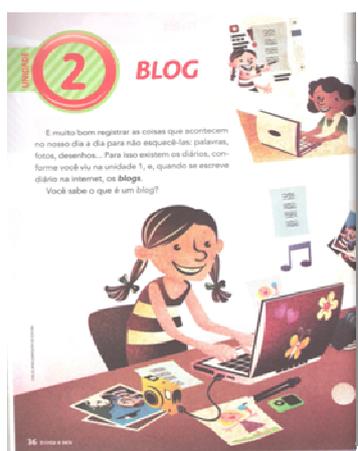
Como forma de tornar nossa análise mais clara, optamos por construir uma tabela com dados quantitativos. Para o preenchimento desta tabela fizemos uma leitura atenta da resenha dos guias e analisamos todas as atividades constantes nos exemplares do 4º e 5º anos no intuito de identificar quais os gêneros digitais estavam presentes nas coleções.

Tabela 01 - Descrição quantitativa dos exemplares analisados

Coleção	Ano	Página	Gênero	Observação
Ápis (2013)	4º	36-59	Blog	Seção completa dedicada ao gênero
Ápis (2013)	5º	66 – 146	Blog, twitter, e-mail	Aspectos introdutórios dos gêneros twitter e e-mail e retomada do gênero Blog
Ápis (2016)	4º	84	Blog	Seção completa dedicada ao gênero
		123	e-mail	Aspecto introdutório ao gênero e-mail relacionando-o à leitura tema da unidade
Ápis (2016)	5º	-	-	-

Como podemos observar, os exemplares analisados, com exceção do exemplar do 5º ano aprovado no PNLD 2016, contém os gêneros digitais. Ressaltamos que de uma edição para outra, o gênero twitter, presente na edição de 2013, não foi abordado. O uso das redes sociais também não foi abordado. As discussões relacionadas ao uso das redes sociais são de fundamental importância no desenvolvimento do letramento digital. Num tempo em que as redes sociais alcançaram uma dimensão informativa, realizar uma análise crítica de seu conteúdo e desenvolver estratégias de uso consciente é fundamental. Pensamos que cabe à escola e, por conseguinte, aos materiais didáticos que nela circulam aprofundar a discussão sobre os usos, adequações e análise crítica dos conteúdos que estão presentes nestes espaços.

Em nossa análise observamos que a atividade presente no livro do 4º ano da edição de 2013 é praticamente idêntica à proposta da atividade da edição de 2016. As diferenças se fazem presentes apenas nos elementos gráficos. Assim sendo, optamos por apresentar a proposta da edição de 2013 tendo em vista as similaridades e indicando que esta edição trazia mais propostas relativas aos gêneros digitais.



Figuras 01, 02 e 03 – Atividade do 4º ano – Ápis BORGATTO, Ana Maria Trinconni, 2012, p. 36,38,39

A coleção Ápis, volume do 4º ano, da edição de 2013, dedica toda uma seção ao estudo do gênero digital Blog. A primeira parte da atividade apresentada acima se dedica à apresentação do que é um Blog e faz uma comparação entre a versão digital do diário (Blog) e a versão impressa, muito conhecida das crianças. Assim, a atividade contribui para que o aluno compreenda a função do Blog, para que serve este novo modelo de diário, configurado num ambiente eletrônico e estabeleça relações entre os suportes virtuais e impressos. Palavras muito comuns no uso do gênero digital também são exploradas, como o verbo “postar”. Assim algumas especificidades do vocabulário dos gêneros digitais também são exploradas. A atividade de interpretação do texto traz uma análise

interessante em relação à transformação do gênero, de um diário escrito num suporte impresso, para um diário em um suporte digital. Porém, o fato mais interessante explorado é a transformação no que diz respeito ao sigilo do diário e à exposição do que é o blog. Nos diários impressos, o cadeado traz a marca do que não é publicável ou de acesso restrito. Já o Blog tem função totalmente inversa: é uma forma de publicizar informações e percepções pessoais. Podemos considerar aqui que tanto o gênero como parte de sua função se transformaram.

Na sequência da atividade, é apresentado um texto sobre fofoca retirado também de um Blog. Esta atividade, localizada nas páginas 40 e 41 do livro do 4º ano se destaca por trabalhar com a linguagem específica de uso em ambientes virtuais como o Blog. As novas formas de escrever em Blogs, redes sociais causam enorme discussão no ambiente educacional. Muitos professores atribuem a estes espaços os problemas ortográficos dos alunos. Defendemos a ideia de que não é o uso de uma linguagem diferenciada nestes espaços uma das causas dos problemas ortográficos. Sabemos que a falta de compreensão de como se estrutura o sistema de escrita leva os alunos a cometerem erros. Em relação à linguagem chamada de “Internetês” o que é preciso discutir com os alunos e “ensiná-los” é que utilizamos os gêneros para nos comunicarmos. Assim, em cada instância e situação de uso, devemos adequar nossa linguagem à situação comunicativa imediata. O trabalho com diferentes gêneros leva os alunos a esta reflexão. Ao se explorar a estrutura composicional e a função do gênero e ainda trabalhar sua produção textual, levamos os alunos a compreenderem que a nossa linguagem se organiza em gêneros, que estes gêneros são infindáveis, mutáveis e que são direcionados para espaços e situações de comunicação específicas. E, que para cada gênero há um estilo composicional e uma função diferenciada. O que nós professores precisamos ter em mente é que nosso aluno precisa ser competente em relação ao uso da linguagem formal e das demais linguagens sempre quando elas forem exigidas. A situação comunicacional vai determinar as formas de uso, o aluno precisa saber adequá-las e não padronizá-las.

Na sequência, a atividade explora o uso da linguagem mais informal e própria de ambientes virtuais. A partir deste tipo de atividade, o professor pode explorar outras situações comuns à vivência dos alunos em que seja empregada a linguagem informal e trabalhar os espaços de uso de cada uma destas variedades. A marca do “Itálico” que serve para diferenciar palavras estrangeiras é introduzida e explicada, assim, os alunos vão percebendo que as palavras importadas de outras línguas, em

especial do inglês, muito comuns nos ambientes digitais recebem um tipo de marcador de grafia diferente. Esta atividade se preocupa também em explorar o aspecto composicional do Blog. Tendo em vista que este gênero é uma versão digital do antigo diário, elementos comuns ao diário são mantidos na composição virtual, como a marcação das datas. Como é um novo gênero, além da data, acrescenta-se também outro elemento, que é o horário da postagem. Assim o Blog vai se reconfigurando e ganhando outros elementos além daqueles que já faziam parte da versão impressa, sem contar a mudança em relação à própria função, de um gênero que pretendia esconder informações para um novo gênero, cuja característica principal é a exposição.

Neste item, atividade 5, explora-se elementos comuns a um Blog, direcionando para a reflexão sobre as características deste gênero.

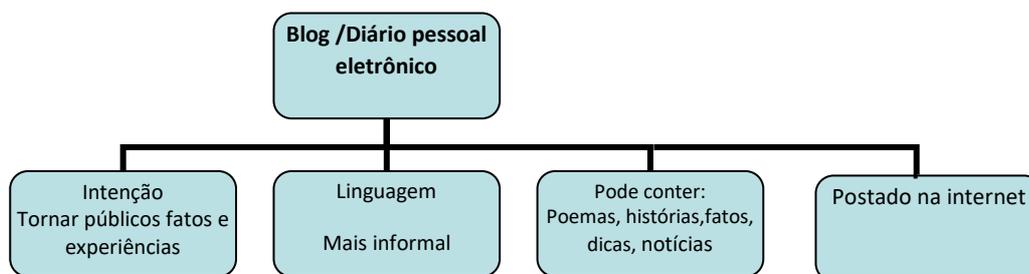


Figura 07– Baseada na Atividade do 4º ano – Ápis BORGATTO, Ana Maria Trinconni, 2012, p. 45

Dando continuidade, a coleção Ápis explora em um mapa conceitual o que é o Blog, qual sua função, sua estrutura composicional, qual o suporte e, sobretudo, aponta para um caráter muito específico do Blog, sua potencial multimodalidade. O Blog é um gênero que, inicialmente, foi criado para tornar-se um diário eletrônico, ou seja, seria o diário em um novo suporte e com uma nova característica: divulgar informações que até então eram “trancadas a sete chaves”. Como os gêneros são flexíveis e mutáveis, os digitais vêm demonstrando toda a força desta característica dos gêneros textuais. Assim como o e-mail já avançou em função, pois ele não é mais apenas uma carta virtual, transformou-se em um espaço de comunicação tanto formal quanto informal, onde pode-se anexar outros gêneros, imagens, vídeos, também o Blog vem se transformando desde o seu surgimento e agregando outros elementos e características, tornando-o multifuncional.

De acordo com o mapa conceitual apresentado, o Blog pode conter, além da descrição do diário, outros gêneros como poemas e histórias. Neste momento o professor pode explorar

escolas que ainda não possuem um computador. A coleção traz outra possibilidade caso o aluno não tenha acesso a computadores que é rascunhar em papel o que seria o seu Blog. Neste caso, explora-se a edição do Blog, a organização visual.

O professor pode explorar um pouco mais esta situação, mesmo não tendo computadores disponíveis. Uma possibilidade é a utilização dos celulares dos alunos. A partir destes aparelhos pode não ser possível a criação, mas o acesso a diferentes tipos de Blog o que pode render uma boa análise e ajudar na confecção do rascunho dos blogs de cada um.

Nesta atividade, esbarramos numa das questões iniciais de nossa pesquisa: como as coleções trabalham num suporte escrito um gênero específico de ambientes virtuais? A coleção em análise sugere o esboço apenas do gênero e a complementação do trabalho vai depender da estrutura da escola e das habilidades docentes. Esta é uma questão importante, pois a compreensão dos gêneros passa por sua leitura e produção.

A leitura não foi tão comprometida, tendo em vista que o LD apresenta um Blog e o explora, porém sabemos que a leitura na tela demanda outras habilidades cognitivas e, por exemplo, a questão do Hipertexto, comum em ambientes virtuais, fica comprometida com a leitura impressa, ainda que se lance mão de caixas explicativas.

Porém, a questão da produção do Blog, na falta de estrutura suficiente, deixa muito a desejar. Neste caso, o aluno tem conhecimento do gênero, mas fica impossibilitado de produzi-lo, de trabalhar sua criatividade, de explorar os aspectos multimodais. Há uma limitação a esse respeito que pode comprometer a compreensão sobre a composição do gênero.

Outra reflexão importante nesta passagem é direcionada para a questão do acesso à internet e, por conseguinte, aos gêneros digitais. Sabemos que muitas escolas do país são desprovidas de equipamentos que as conectem à rede mundial de computadores o que, em pleno século XXI, pode comprometer as práticas de letramento. Outros estabelecimentos possuem salas de informática, porém com uso restrito, devido às questões de manutenção e até mesmo de formação docente. Esta problemática aparece neste artigo apenas como meio para outras reflexões e/ou estudos, mas não podíamos deixar de apontá-la.

Ainda em relação à discussão apontada no parágrafo anterior, neste sentido, é necessário que o Manual do Professor traga algumas propostas ou mesmo reflexões para que o professor possa colocar o aluno em contato com o gênero, mesmo diante de inúmeras dificuldades de infraestrutura.

Conclusões

Após toda essa análise, podemos inferir que os exemplares analisados deixam a desejar no que tange ao letramento digital, mesmo tendo a sensibilidade de que tal tecnologia está presente na vida da grande maioria dos alunos hoje em casa, nas comunidades ou em sala de aula. Contudo, percebemos que existe uma preocupação em inserir o gênero digital nos livros didáticos. Acreditamos que exista certa dificuldade de inserir o gênero digital no livro didático, por não existir o canal ideal para esse gênero, ou seja, o computador, dificultando assim a passagem do canal virtual para o papel.

Nos exemplares analisados existe uma tentativa de apresentar atividades que trabalhem com o gênero digital, podemos inferir que a preocupação existe, pois é uma realidade presente no ensino aprendizagem, com total influência, mas ainda é preciso melhorar os modos em que são apresentados nos livros, o que ficou evidente na comparação de exemplares de edições subsequentes.

Lamentavelmente, observamos que a edição da coleção Ápis aprovada em 2013 apresenta um trabalho com os gêneros em maior quantidade do que em 2016. As atividades presentes no exemplar do 4º ano, aprovado em 2016 são praticamente iguais às de 2013, com apenas algumas alterações gráficas. O exemplar do 5º ano, diferentemente da edição de 2013, não traz nenhuma discussão relativa aos gêneros digitais, ou seja, a coleção diminuiu a inserção deste gênero, justamente num momento em que os educandos começam a ter mais contato com os gêneros desta esfera e numa etapa de aprofundamento dos letramentos. Esta questão abre para a reflexão acerca da inserção e do trabalho adequado com os gêneros digitais e aponta também que é necessário refletir sobre a capacitação dos professores quanto às novas (e já não são tão novas assim) perspectivas de ensino de Língua Portuguesa, em especial no que se refere aos gêneros em geral e aos gêneros digitais, em particular.

Perante um trabalho como este que está em constate mutação e desenvolvimento (dado a característica mutável dos gêneros, em especial dos gêneros digitais), não pretendemos dar um caráter conclusivo e definitivo, buscamos lançar luz sobre as questões cruciais desta pesquisa, sobre os objetivos que nos propomos a realizar com esta investigação, bem como sobre o papel do livro didático no ensino-aprendizagem. Apresentamos também as implicações pedagógicas das constatações da pesquisa e buscamos tornar visível a necessidade de que novas investigações sejam realizadas no que tange às problemáticas aqui discutidas, sobretudo sobre como ensinar Língua Portuguesa, de caráter muito importante na formação de um sujeito crítico e participativo.

Agradecimentos

À Faperj e ao Cefet/RJ pelas bolsas concedidas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*/ Mikhail Bakhtin: introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Antônio A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do livro didático (PNLD). In: ROXANE, Rojo; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- BEZERRA, Benedito Gomes. *Leitura e escrita no Orkut: o que os professores veem e o que não veem*. Comunicação apresentada no 3º Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte/MG, 29 a 31/10/2009.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: Secretaria de Ed. Fundamental MEC, 1997.
- COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e Escrita*. Conferência apresentada no II COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 26-28 de Junho de 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) Gêneros textuais & ensino. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. *Educação e Sociedade da Informação* (orelha de livro). In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, Ana Elisa (organizadoras). Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3ª Ed. – Belo Horizonte: Ceale, 2005.
- MARCUSCHI Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.